



Ilustração vencedora
do concurso
'GRANDE IDEIA'

Patrícia Soares
EBS D.^a Lucinda Andrade (São Vicente)

Vê aqui todos os
TRABALHOS
VENCEDORES



OLHAR E VER



Quem se limitar a olhar rapidamente para o conjunto das edições do ‘Ponto e Vírgula’ do ano letivo 2020/21 ficará com a sensação de que não há nada de novo — a ‘malta’ continua empenhada em participar, os trabalhos surgem com naturalidade, as escolas projetam-se nas análises, ideias, sentimentos e emoções a que os seus alunos dão forma concreta, criando e partilhando com a sociedade em que integram experiências que os currículos não previram e as avaliações não integraram.

Mas é possível, nesse mesmo exercício, olhar com um pouco mais de atenção as páginas do ‘Ponto e Vírgula’ e ver que há muito de novo em todas elas — a sua produção, desenvolvida em tempos de pandemia e, em parte significativa, até em regime de confinamento, traduz essa nova realidade de forma clara e inequívoca, demonstrando quanto os jovens têm consciência dos tempos que vivemos mas não se deixam vencer pelas dificuldades.

Numa edição dedicada a classificações dos diversos concursos, há, por isso, que declarar todos os participantes vencedores, como de algum modo está implícito na dificuldade reconhecida pelos jurados em estabelecer hierarquias. Afinal, e em síntese, há a noção clara de que se faz, apesar das circunstâncias, mais e melhor ‘Ponto e Vírgula’ do que nunca, ainda que para dizê-lo seja preciso olhar com o tal pouco mais de atenção.

Uma nota final – esta produção não conta para a média das disciplinas, não eleva a nota de conclusão do Secundário, não abre caminho para candidatura ao Ensino Superior, não entra nas contas dos *rankings* das escolas. Mas, sem substituir nenhum daqueles itens, tem um valor inegável que só pode ser medido pela consciência de que há escola para além dos números. Para confirmá-lo, basta olhar querendo ver.

Jorge Carvalho

Secretário Regional de Educação, Ciência e Tecnologia



**A FESTA DA
6.ª SÉRIE
FOI ASSIM...**

A 7.ª SÉRIE FESTEJA-SE HOJE... NA QUINTA MAGNÓLIA!

POESIA

LEONOR MENDONÇA

EBS Prof. Dr. Francisco de Freitas Branco (Porto Santo)

Quais são os teus melhores lugares?

Os meus melhores lugares são todos os lugares que de alguma forma já pude partilhar com quem me é mais próximo. São os lugares que, ao longo da minha vida, me trouxeram mais sossego. Quando penso em sossego, as imagens da praia e da natureza como um todo surgem de forma orgânica, e é aí que sinto o coração mais calmo. Também as pessoas são lugares, e é por isso que, ao pensar nas pessoas que mais paz me trouxeram ao longo da minha vida, as vejo como sinónimas desse mesmo sossego que vou encontrando quando mais estou atenta.

Até onde é que te leva a pressa de viver?

A pressa de viver leva-me a todos os sítios em que a arte me livra ilusoriamente da sordidez de sermos. Leva-me até onde a arte me levar. Esta característica da vivência humana faz-me pensar sobre a forma como preencho os meus dias e aquilo que acabo por registar como meu e como minha identidade.

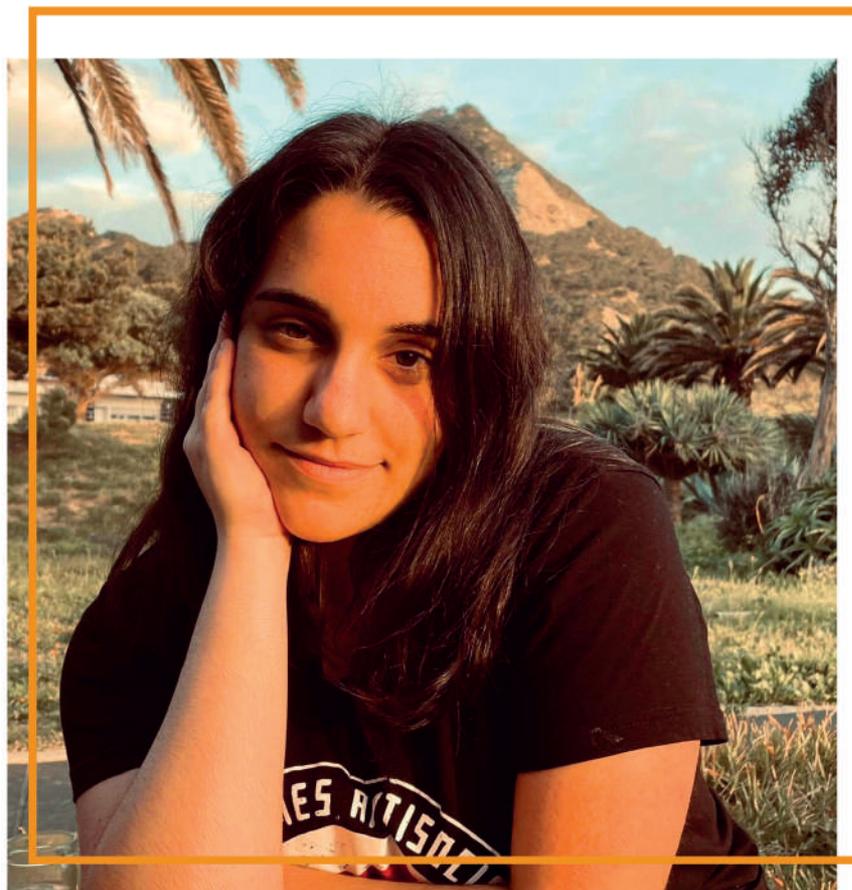
O teu corpo alado procura um lugar para viver. Que lugar é esse?

Refiro-me ao meu corpo como corpo alado pois sempre senti que estava longe do lugar onde devia estar. Como tal, sinto que vou sobrevoando todos os lugares onde estou, todos os lugares que imagino, na procura de um lugar onde possa ficar. Para muitos, é uma procura que dura uma vida inteira. Não sei quanto tempo irá passar até que o meu corpo

alado possa encontrar um lugar onde ficar, um lugar ao qual possa chamar casa e onde possa regressar sempre que quero e preciso. Até lá, vou continuar a sobrevoar a minha própria vida, e vou continuar à procura desse lugar onde possa descansar com todos os meus medos, derrotas e vitórias.

Na tua poesia combinas palavras como destino, vida e sonho. A Leonor, futura poetisa, arde em cada uma destas palavras?

Na minha opinião, uma parte da nossa vida rege-se a partir do sonho e ao traçar objetivos para lá chegar. Na verdade, não sabemos o nosso destino, e enquanto vivemos, vamos descobrindo o caminho que nos foi pré-destinado. A vida é algo que depende dos nossos sonhos — os realizados e os impossíveis —, e são esses sonhos que compõem o destino de cada um de nós. Por isso, em cada poema que escrevo, estou noutro lugar onde vida, sonho e destino têm as mais variadas conotações e significados, e onde assumem também formas diferentes.



2.ª Paula Álvaro
EBS da Ponta do Sol

3.ª Diana Silva
EBS D.ª Lucinda Andrade (São Vicente)

3.ª Beatriz Fernandes
EBS Padre Manuel Álvares (Ribeira Brava)

JÚRI

Francisco Fernandes
Economista e autor de literatura infanto-juvenil

Lília Mata
Jornalista da Antena 1

Roberto Ferreira
Jornalista e subdiretor do Diário de Notícias da Madeira

FOTOGRAFIA



MARIA BEATRIZ MARTINS

ES de Francisco Franco (Funchal)

Porque quiseste eternizar as três gerações de mulheres da tua vida?

A ideia de representar três gerações da minha família surgiu-me logo à mente, quando o Concurso Grande Ideia foi apresentado à minha turma pela professora de desenho. Retratar duas mulheres de grande importância na minha vida permitiu-me, de certo modo, agradecer-lhes por me terem acompanhado e ajudado a ser quem sou, e ainda demonstrar, pela fotografia, a ligação que temos entre nós: avó, filha e neta, três mulheres ligadas à natureza. O objetivo foi relacionar a essência feminina com a beleza, suavidade e complexidade do mundo natural. As 'Flores da minha vida' são efetivamente estas duas mulheres, que tornam o meu jardim mais bonito e me ajudam a florescer um pouco mais a cada dia. Sempre que olho para elas penso: espero um dia poder me tornar numa flor tão bonita como vocês.

A fotografia é uma narrativa visual. Dá continuidade a esta história: Era uma vez...

Era uma vez uma pequena aldeia, situada numa ilha perdida no meio do oceano atlântico. 'Lameiros' era o nome que davam a este sítio, talvez pela existência de lama, ou talvez não: na verdade, a origem da sua denominação era (e continua a ser) desconhecida. Muitas foram as famílias que por lá passaram e, deslumbradas com os seus encantos, lá permaneceram. Muitas foram as almas que este lugar encantou.

Certo dia, nasceu uma menina: Maria Joana foi o nome que lhe deram. O sítio dos Lameiros foi o seu lar durante muitos e longos anos. Joana cresceu e amadureceu a contemplar as paisagens magníficas da sua terra. Um dia escolheu trazer ao mundo uma filha, que teve o privilégio de muitos anos lá habitar. Anos mais tarde, chegou a vez de Maria da Paz, filha de Maria Joana, ter também uma filha: Maria Beatriz foi o nome escolhido. Até ao dia de hoje, as três Marias mantêm uma relação próxima com o sítio que sempre as acolheu e fascinou: o sítio dos Lameiros.

O retrato vive da expressão do rosto. Como conseguiste esta profundidade no olhar?

Tanto a minha mãe como a minha avó demonstraram, desde o início, total disponibilidade para participar e colaborar neste trabalho. A sua boa disposição e vontade foram fundamentais para que tudo corresse tão bem.

A verdade é que a cumplicidade e amor que existe entre nós proporcionou-nos um momento deveras encantador, alegre e prazeroso. Ter tido a oportunidade de retratar duas flores tão bonitas e importantes para mim, foi algo magnífico. A afinidade, o carinho e o companheirismo entre nós foi o que permitiu que o nosso olhar transmitisse a profundidade e intensidade da nossa relação. A expressividade destes retratos é efetivamente genuína, só o amor é capaz de criar algo tão belo e sincero.

1.ª
CLASSIFICADA

Nota: O cenário escolhido para as fotografias vencedoras foi o sítio dos Lameiros (São Vicente)



2.º **Francisco Costa**
EBS de Machico

3.º **Gabriel Salazar**
EBS D.ª Lucinda Andrade (São Vicente)

3.º **Filipa Ribeiro**
ES de Jaime Moniz (Funchal)

JÚRI

Ricardo Duarte Freitas
Jornalista do Diário de Notícias da Madeira

Simon Zino
Fotógrafo e Designer

Sara Reis Gomes
Bióloga e Fotógrafa



MARIA INÊS SANTOS

ES de Francisco Franco (Funchal)

No ano 2030, numa sexta-feira às sete horas da manhã, o que esperas encontrar?

Em primeiro lugar, espero encontrar cidadãos menos apressados logo às sete horas da manhã. De acordo com aquilo que observo, diariamente, os seres humanos têm uma necessidade inexplicável de andar com um passo acelerado, ou até mesmo a correr, muitas vezes sem um rumo determinado ou uma razão aparente. Desta forma, daqui a uns anos espero que já se tenham consciencializado de que a vida passa rápido demais para ser vivenciada com uma rapidez angustiante. Por outro lado, pretendo deparar-me com os hábitos ecológicos mais normalizados e, assim, com a humanidade orgulhosa dos resultados de um trabalho em equipa. Estou certa de que nessa altura todos os manuais e livros que queiramos obter estarão disponíveis *online* e de que o mundo dependerá totalmente de computadores; no entanto, espero ainda encontrar uma livraria ou biblioteca aberta, pronta para receber os seus fiéis clientes. Ainda nesse ano, gostaria que fosse possível o fim das desigualdades, essencialmente, sociais. Daqui a oito anos, pretendo encontrar um planeta mais unido, com menos conflitos e junto no propósito de “ressuscitar” a população adormecida nas suas preocupações. Efetivamente, em 2030 já devem ser mais usuais as partidas para Marte, mas resta-me pensar que se já a Terra dá sinais de esgotamento, veremos como reage o próximo planeta às atitudes egoístas do ser humano.

Que oportunidades tens dado ao planeta?

A nível ecológico, faço a reciclagem e incentivo os que me rodeiam a fazê-lo,

reduzo a compra de produtos embalados em plástico, preferindo os de papel, cartão e reutilizáveis, evito o desperdício alimentar, aliado a uma redução no consumo de carne, e ando diariamente a pé. Desta forma, creio que tenho dado diversas oportunidades ao planeta de se “regenerar”. Durante a pandemia, a Terra ganhou fôlego para continuar a sua batalha e as estatísticas mostram isso mesmo; no entanto, é de lembrar que, certamente, nos tornámos numa sociedade mais receosa, mais alerta, menos livre, no sentido em que nos centramos nos impactos e consequências deste período conturbado na vida de todos nós. Desta forma, tenho dado mais valor a tudo o que me rodeia e aproveitado cada momento para proporcionar ao planeta: oceanos limpos, continentes menos poluídos e pessoas conscientes de que todos os seus comportamentos afetarão o futuro próximo do planeta.

É possível aliar a sustentabilidade à solidariedade?

Sim, é possível. O exemplo mais recente que prova isso foi a generosidade de milhares de pessoas que contribuíram com roupas quentes e sapatos que já não usavam, de forma a ajudar a população ucraniana que nos últimos tempos tem vivido momentos de pânico, medo, desespero, sofrimento, aos quais o ser humano não devia ser sujeito. São estes momentos que demonstram os dois lados da moeda, ou seja, como é possível existirem seres humanos capazes de causar tanto sofrimento a tantas famílias e os mesmos seres humanos serem capazes de arriscar a vida para ajudar pessoas inocentes a sobreviver, em plena guerra? Se por um lado existem pessoas solidárias com o ambiente,

também existem claramente pessoas que não sabem partilhar, repartir ou até mesmo ajudar o próximo. Na minha ótica, o cidadão que ajuda o planeta é automaticamente alguém solidário para com a crise ecológica que o nosso planeta atravessa. Sendo assim, sustentabilidade e solidariedade são dois conceitos indissociáveis, que levarão a humanidade mais longe.

Com o prémio que agora recebes, se pudesses contribuir para tornar o mundo mais sustentável, em que investirias?

Certamente, investiria em ações de formação de sustentabilidade para os jovens. Assim, as ações de formação em que eu investiria abordariam temáticas relacionadas com o nosso dia a dia e teriam uma componente mais dinâmica, como por exemplo, atividades sobre a reciclagem, *quizzes* sobre as estatísticas do nosso país a nível ecológico, visitas a zonas poluídas de forma a sensibilizar os participantes, formação de equipas de recolha de lixo, de recolha de roupas e brinquedos para doar a instituições, criação de pontos de recolha de livros e jornais já lidos. Desta forma, todos estaríamos mais aptos a tornar o mundo mais sustentável e sentiríamos, efetivamente, a força que a união de um grupo pode ter. Na minha opinião, temos um longo caminho pela frente, mas não podemos desistir de salvar o nosso precioso planeta: a Terra.



2.º Duarte Pereira
EBS Padre Manuel Álvares (Ribeira Brava)

3.ª Beatriz Freire
EBS Bispo D. Manuel Ferreira Cabral (Santana)

3.ª Lina Shalayko
EBS de Machico

3.ª Matilde Abreu
ES de Jaime Moniz (Funchal)

JÚRI

Paulo Santos
Jornalista

Andreia Nascimento
Socióloga

Ricardo Miguel de Oliveira
Jornalista e diretor do Diário de Notícias da Madeira

ILUSTRAÇÃO

PATRÍCIA SOARES

EBS D.^a Lucinda Andrade (São Vicente)

Na memória descritiva referes: «o que foi afastamento agora é ligação». Quando chegaste da Venezuela, que pontes tiveste que erguer?

Desde o primeiro momento em que cheguei à Ilha da Madeira, tinha a preocupação de não conseguir ser aceite: nova escola, novos amigos, nova língua e nova cultura. Num sentimento de desespero, pensava que tinha de recomeçar do zero para ser plenamente incluída. O processo de integração não foi fácil, mas, com um pouco de esforço e motivação, consegui habituar-me, superando as adversidades e desafios. Hoje em dia sinto-me mais ligada e integrada no meio, embora não esqueça o que era antes. Ambas as culturas fazem parte daquilo que sou e serei.

Na ilustração, pintaste as mãos de azul. Qual é o teu sonho azul?

Pintei as mãos de azul no sentido de representar um oceano envolvente e acolhedor, mas também de fazer alusão à paz, à segurança e ao conforto de habitar aqui, na ilha. Este era o “sonho azul” que tanto ansiava desde que cheguei, na esperança de sentir tranquilidade e pertença. Aquilo que era antes uma expectativa tornou-se realidade.

Fizeste uma analogia entre a ilha e o ninho. Qual será a primeira aventura fora do ninho?

Desde que era criança, sempre tive o interesse de viajar pelo mundo e a vontade de conhecer outros povos e culturas, e até hoje este desejo tem viajado pelos meus pensamentos. Refleti na probabilidade de estudar no estrangeiro, uma hipótese que abriria novos horizontes, novas experiências e a possibilidade de aprender uma outra língua. No entanto, tenho consciência que, com o passar do tempo, estas ideias poderão mudar, mas em princípio essa seria a “primeira aventura fora do ninho”.



JÚRI

2.º Leonardo Oliveira
ES de Jaime Moniz (Funchal)

3.º Lara Caires
ES de Francisco Franco (Funchal)

Roberto Macedo Alves
Empreendedor e criador de banda desenhada

Luísa Spínola
Artista plástica e Diretora
do Gabinete de Imagem e Protocolo da SRE

Eder Luís
Designer e ilustrador do
departamento de Arte do Diário de Notícias da Madeira

INVESTIGAÇÃO HISTÓRICA

1.^a
CLASSIFICADA

LARA FERREIRA

EBS Prof. Dr. Francisco de Freitas Branco (Porto Santo)

Depois da tua investigação histórica sobre a Rua João Gonçalves Zarco, qual é o sentimento quando te deixas passear por este local?

Após conhecer toda a dinâmica e afluência que aquela rua já viveu, ao passar sinto uma energia diferente, que me faz sentir apegada a esta de uma forma muito mais profunda. Depois de conhecer a história de cada sítio, as vivências lá passadas e os costumes dos porto-santenses da época, consigo imaginar o quão diferente e bom seria ter estado naquele tempo, com aquelas pessoas, a rir e a passar bons momentos, apesar da simplicidade daquela gente. Aquela rua era o coração da ilha à época, e hoje, para mim, e com tudo o que sei, ganhou um cantinho especial no meu coração, pois faz parte da história da minha ilha e dos meus antepassados.

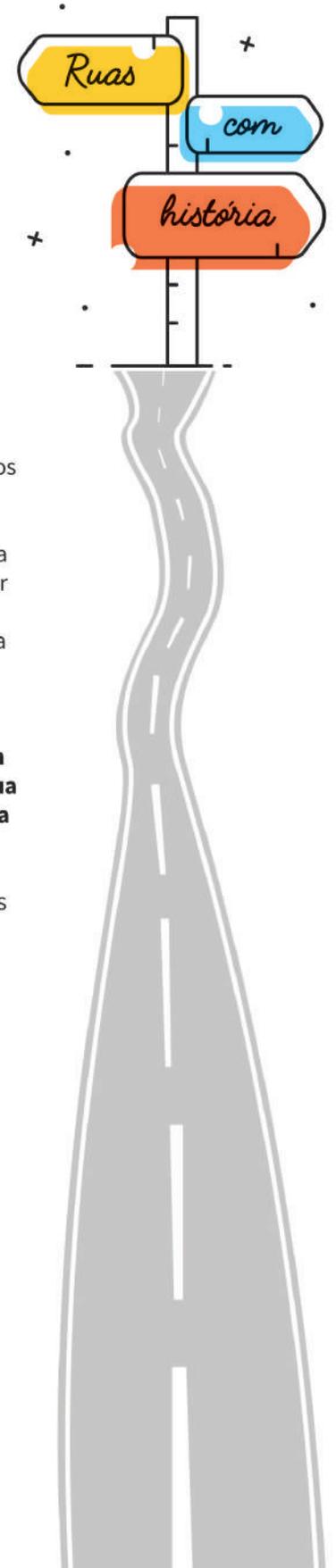
Se pudesses trazer o encanto de outrora à Rua da Doca, o que recuperarias?

Na minha opinião, acho que devíamos recuperar todo o centro da vida comunitária e popular, nomeadamente os seus valores, pois sinto que a solidariedade, a compreensão e ajuda entre a comunidade seriam mais verdadeiros e se sobreporiam ao propósito do lucro legítimo. Seria mais importante a convivência e o tempo despendido a rir ou a confraternizar, do que o dinheiro a entrar no bolso, sem

aproveitar a vida e o lazer devido ao excesso de trabalho e às preocupações. Mais concretamente, recuperaria a Venda do Alexandre, que era visitada regularmente devido à qualidade do vinho lá vendido, pois todos nós sabemos que um bom e docinho vinho do Porto Santo cai que nem uma pena. Por fim, recuperaria também a Barbearia do Ruel, principalmente frequentada por jovens, que nos intervalos do trabalho tornavam-na numa sala de convívio para jogarem às “Damas Clássicas”.

As ruas são organismos vivos, crescem e adaptam-se aos novos tempos. Na rua da Doca ainda se sente o pulsar da vida comunitária?

A meu ver, este sentido de união entre os porto-santenses e este coração latente que era a Rua da Doca têm vindo a perder-se ao longo dos anos. Gostava que houvesse um espaço de alegria duradoura, que aumentasse os nossos laços, e que fosse frequentado não só para ir à farmácia e ao *Pub Zarco* ao sábado à noite. Depois de tudo o que aprendi, sinto que se perdeu a magia daquela rua, passando a ser uma rua igual a qualquer outra. O que já foi o coração da ilha, agora é uma rua sem graça e monótona.



2.^a **Joana Lomelino**
EBS de Machico

3.^a **Sofia Fernandes**
EBS Bispo D. Manuel Ferreira Cabral (Santana)

JÚRI

Luís Eduardo Jesus

Historiador, investigador do CIDEHUS-UE

Jorge Sousa

Jornalista do Diário de Notícias da Madeira

Eduardo Simões

Historiador

PODCAST

FÁTIMA PIQUITA

EBS da Ponta do Sol



No primeiro episódio do PODCAST denominado 'O Antes e o Pós pandemia' fazes referência às implicações desta situação nas atitudes e comportamentos das pessoas. Notas alguma diferença no modo como agem as pessoas à tua volta?

Sim, noto diferenças a todos os níveis. Ainda que seja um pouco antagónico, as pessoas estão mais “em alerta”, mais conscienciosas, mas simultaneamente mais cansadas, logo mais relaxadas. Passo a explicar: decorridos dois anos de pandemia, conhecemos um pouco melhor o vírus, distinguimos mais facilmente os seus sintomas, conhecemos os procedimentos, sabemos onde e a quem nos devemos dirigir, desinfetamos mecanicamente as mãos quando entramos num espaço fechado, seguimos e conhecemos o protocolo de higienização, damos involuntariamente um passo atrás quando alguém tosse, entre tantos outros exemplos. A antagonia reside no efeito provocado pelo cansaço de todas as medidas tomadas, pela privação do nosso “normal”, pela irritabilidade gerada pelo uso da máscara que torna a respiração mais ofegante, por sentir a pele seca e as fissuras causadas pelo uso contínuo do gel desinfetante.

Muito haveria para dizer, mas deixemos isso para os especialistas na matéria. A verdade é que temos de voltar à normalidade o mais rapidamente possível porque “*The show must go on!*”.

A tua preocupação com as dietas alternativas, é uma questão de estética ou antes de saúde?

É, sem dúvida, uma questão de saúde e uma questão ambiental. A questão estética não foi propriamente uma preocupação. Estou apreensiva quanto aos hábitos de consumo desequilibrados e desmesurados que levam ao aumento do número de doenças incapacitantes e que nos “ceifam” a qualidade de vida. Quanto à questão ambiental, é deveras preocupante a forma como estamos a esgotar os recursos naturais do nosso planeta e a pôr em causa as gerações vindouras. Deste modo, urge adotarmos comportamentos responsáveis com vista à sustentabilidade ambiental.

Nos três episódios que realizaste, a ideia de corpo é um elo de ligação: o corpo exterior, o corpo interior e o corpo global. Concordas que tudo isto está ligado?

Essa questão é um pouco difícil de responder, mas arrisco dizer que sim, que estão ligados, uma vez que somos constituídos por aparência, personalidade e ações, ou seja, somos um corpo físico com emoções, agindo sempre numa sociedade. Apesar de estarem ligados, nem sempre estão em sintonia, como foi referido nos *podcasts*. Muitas vezes, agimos de forma diferente àquilo que sentimos. Somos, diria, coagidos a acompanhar o rebanho para não sermos notados, não sermos discriminados, postos à parte.

Achas que o “bater de asas de uma borboleta” pode causar um tufão do outro lado do mundo?

Como diria o grande poeta Fernando Pessoa “(...) Tudo vale a pena/Se a alma não é pequena”. Muitas vezes, pequenas ações, palavras singelas têm o poder de levar a reflexões e de provocar grandes mudanças no mundo. Neste momento, ocorre-me falar de Malala. Uma desconhecida e pacata jovem adolescente que conseguiu mobilizar o mundo para o direito das mulheres à educação. Quem imaginaria que, de uma aldeia remota do Paquistão, se faria ouvir, além-mares e além continentes, a voz doce, mas incisiva desta Menina, com “M” grande? Mas assim aconteceu. O mundo reconheceu-a e atribuiu-lhe o Prémio Nobel da Paz.

1.ª
CLASSIFICADA



Podcast disponível no Spotify e no Anchor

2.º João André Jardim
EBS/PE da Calheta

3.º Liliana Mendonça Silva
EBS Bispo D. Manuel Ferreira Cabral (Santana)

JÚRI

Israel Rodrigues
Locutor de Rádio
Vera Duarte Coelho
Adjunta Parlamentar
Valentina Jesus
Locutora de Rádio



ANA VIEIRA BEATRIZ PINTO CARLOTA SILVA MARGARIDA COSTA

ES de Francisco Franco (Funchal)



VÍDEO

De que modo é que este trabalho influenciou a vossa perspetiva sobre a solidariedade social?

Imenso, pois reeducou-nos para o sentido da união baseado no respeito, apoio, igualdade, na ajuda ao próximo, valores comuns, ações de acolhimento e comunicação. Assim ficámos a perceber quão importante é existirem pessoas a dedicar o seu tempo a estas causas. É algo louvável.

Carlota Silva

Porque é que optaram por dar a conhecer a Criamar na primeira pessoa, com a entrevista ao Rúben Vieira? Foi uma opção com o coração?

Na realidade, estávamos a pensar fazer entrevistas a várias pessoas, a voluntários e a utentes da CRIAMAR, mas, após uma reunião com o coordenador, João Borges, ficámos a conhecer o Rúben Vieira. Ouvimos falar tão bem do Rúben e ficámos a saber um pouco da sua história. Ele aproveitou todas as oportunidades que a associação lhe deu, fazendo delas o melhor que pôde, levou imensas aprendizagens, lições e valores para a vida, e agora, depois de adulto, decidiu retribuir todo o apoio e carinho que teve na CRIAMAR, sendo voluntário. Consequentemente, pensámos que não haveria melhor pessoa para esta entrevista, alguém que já foi utente e que agora é voluntário.

Margarida Costa

A partir deste trabalho, que valores levam para a vida?

Ajudar quem um dia já te ajudou; que com esforço e dedicação tudo se resolve, basta haver força de vontade. Que não precisamos de ter muito para ajudar o próximo, pois uma simples frase, ou mesmo atitude, podem mudar a vida de alguém, seja ela uma criança, um jovem ou mesmo um adulto, independentemente do seu estatuto social.

Beatriz Pinto

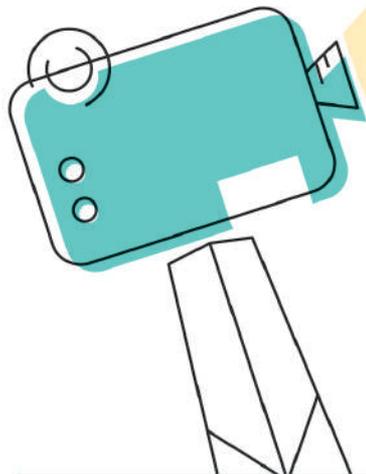
Que dificuldades encontraram ao longo do processo de elaboração do vídeo?

Apesar da disponibilidade e simpatia da CRIAMAR, a quem desde já queremos agradecer por toda a ajuda, encontrámos algumas dificuldades pelo caminho, que não nos impediram de conseguir um bom resultado.

Começando pela ideia, demorámos imensos dias até chegar ao nosso resultado final, pois tínhamos opiniões e ideias diferentes, mas acabámos por conseguir conciliar tudo.

Após a gravação da entrevista, deparámo-nos com imensos minutos de vídeo, o que também dificultou imenso a seleção das imagens a utilizar.

Ana Vieira



JÚRI

2.º Diogo Francisco Gouveia e Diogo Miguel Alves
EBS de Machico

3.º Guilherme Ferreira
Escola da APEL (Funchal)

Eduardo Costa
Realizador e produtor

João Filipe Pestana
Jornalista do Diário de Notícias da Madeira

Bruno Chicharo
Designer do Gabinete de Imagem e Protocolo da SRE

CONTO A TRÊS MÃOS



MATILDE BRAZÃO

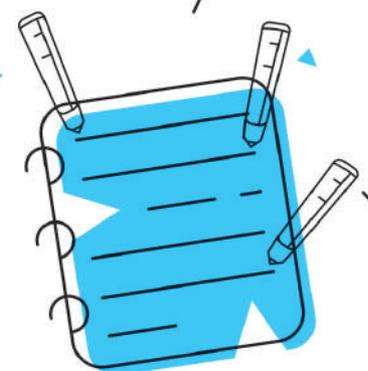
ES de Francisco Franco (Funchal)

VERA BORGES

EBS Prof. Dr. Francisco de Freitas Branco (Porto Santo)

MARGARIDA FERREIRA

EBS D.ª Lucinda Andrade (São Vicente)



Quando iniciaste este conto (a três mãos), sabias que também tu entravas numa partida sem regresso?

Tudo o que escrevemos é uma partida sem regresso, na verdade. Quando, na introdução do conto, mencionei "uma partida da qual não regressariam, nunca", referia-me ao facto de, jamais, tornarmos a ser os mesmos, após confrontados com uma situação-limite. Do mesmo modo, a criação literária envolve uma reflexão que nos transforma, profundamente. Não pretendo, de modo algum, ser lírica, mas creio, verdadeiramente, que o ato de escrever me enriquece, pois força-me a desenvolver novas ideias que eu, antes, não tinha, impossibilitando-me, assim, de retornar à pessoa que eu era. Além disso, considerando que outras alunas iriam finalizar o conto, estava certa de que embarcara numa viagem imprevisível, da qual não poderia retornar, nem iria querer, pois o destino redigido por elas seria, certamente, magnífico, e não me enganei!

Matilde Brazão





Foi desafiante encontrar um rumo para a salvação? Porquê?

Para mim, este trabalho tornou-se um grande desafio, pois é muito difícil compreender o pensamento e as inspirações de outra colega. No início, as palavras custaram a sair, mas sabia que tinha de dar um desenvolvimento adequado à história e, então, esforcei-me para tal. No final, acabou por se tornar muito divertido e desafiante a experiência que passei ao realizar este trabalho.

É sempre duro encontrar um rumo para a salvação. Porém, a salvação não é algo que se encontra, mas algo que se cria. Todos nós devemos originar a nossa própria salvação e quando estamos em perigo, é no interior que existe o refúgio. É assim que finalmente podemos chegar a uma salvação, pois esta depende totalmente de nós, independentemente das condições do mundo. Por isso, é possível sermos felizes em todos os momentos. A esperança começa sempre em nós, é só segurá-la.

Vera Borges

O conto termina com a seguinte frase: «à luz da paz, da esperança e do reencontro». Existem finais felizes?

Existem sempre finais felizes! Pode parecer um pouco ingénuo da minha parte, mas, na realidade, até acho que é uma questão de perspetiva. Varia conforme aquilo em que acreditamos. Eu acredito que podemos estar na pior situação da nossa vida, mas haverá sempre algo para agradecer. A esperança é a última a morrer e o que quis transmitir na parte final do conto foi exatamente isso: esperança de um final feliz, o reencontro com as pessoas que um dia deixamos, o corpo que fica sem vida para trás e a paz interior, que deve ser sentida por muito pouca gente. Acredito que para algumas pessoas o final tenha sido um pouco descabido e admito que isso me deu algum gozo, mas o meu objetivo era dar uma certa leveza à palavra “morte”, tornando-a rápida e tranquila, dando início a uma nova era sem medos, sem fugir e sem violência. O descanso de quem sofreu tanto, é também o alívio por ver a pessoa por quem um dia choramos, bem. Chama-se o reencontro com aqueles que mais amamos. É esse o final feliz. E como este, há muitos a acontecer todos os dias! Basta reparar nos pormenores mais simples e agradecer!

Margarida Ferreira



2.ºs

Ana Margarida Sá

ES de Jaime Moniz (Funchal)

Tiago Jesus

EBS/PE da Calheta

Laura Castanho

EBS da Ponta do Sol

3.ºs

Ana Beatriz Fernandes

Escola da APEL (Funchal)

Raquel Pereira

EBS Bispo D. Manuel Ferreira Cabral (Santana)

Daniela Silva

EBS de Santa Cruz

JÚRI

Graça Alves

Diretora de Serviços de Museus e Centros Culturais

Marta Caires

Jornalista

Tânia Cova

Jornalista do Diário de Notícias da Madeira

AGREGADO POR ESCOLA



- 1.º ES de Francisco Franco (Funchal)
- 2.º EBS de Machico
- 3.º EBS D.ª Lucinda Andrade (São Vicente)
- 4.º ES de Jaime Moniz (Funchal)
- 5.º Escola da APEL (Funchal)
- 6.º EBS da Ponta do Sol
- 7.º EBS Dr. Francisco de Freitas Branco (Porto Santo)
- 8.º EBS Bispo D. Manuel Ferreira Cabral (Santana)
- 9.º EBS Padre Manuel Álvares (Ribeira Brava)
- 10.º EBS/PE da Calheta
- 11.º EBS Dr. Luís Maurílio da Silva Dantas – Carmo (Câmara de Lobos)
- 12.º EBS Gonçalves Zarco (Funchal)
- 13.º EBS Dr. Ângelo Augusto da Silva (Funchal)
- 14.º EBS/PE/C do Porto Moniz
- 14.º EBS de Santa Cruz





WORKSHOPS

Os *Workshops* — ‘PV vai à escola’ foram uma extensão do trabalho desenvolvido nas escolas no âmbito da criatividade e na literacia para os *media*. Neste ano letivo em que o foco foi retomar a normalidade e recuperar aprendizagens, a equipa do PV apostou na dinamização do projeto junto da comunidade escolar, para o reforço da interação entre estudantes e professores e para a promoção das competências nas áreas da Fotografia, Vídeo, Investigação Histórica, *Podcast* e Rádio, Escrita Criativa, Ilustração e Reportagem. Num total de 40 horas de formação, cerca de 500 alunos tiveram acesso a estes *workshops*, que percorreram as escolas secundárias da Região Autónoma da Madeira.

PV LAB

PV LAB

Foi dado mais um passo importante para a digitalização do PV e do concurso ‘Grande Ideia’, a aposta no PVLab permitiu chegar a um maior público-alvo e promover tudo aquilo que o suporte físico não comporta:

- *Podcasts* do concurso ‘Grande Ideia’ (cada vez mais um meio em que os jovens se sentem mais à vontade, para expor as suas ideias);
- Vídeos do concurso ‘Grande Ideia’ (as imagens em movimento ganharam grande impulso na divulgação de conteúdos e assimilação dos mesmos);
- Fotografias do quotidiano escolar, sob a perspetiva dos jovens estudantes do secundário da RAM;
- Maior interatividade através da partilha dos conteúdos nas redes sociais;
- Maior diversidade de informação.



AS NOVIDADES DESTE ANO

INFLUENCERS DO PV

Nesta nova rubrica do ‘Ponto e Vírgula’, estreada nesta renovada VII série, pudemos contar com a participação de alguns alunos de diversas escolas da região, que visitaram a Equipa do PV e geriram as redes sociais do ‘Ponto e Vírgula’ por uma tarde. Foi uma troca de experiências, onde os alunos puderam aprender connosco e ver como é feita a gestão das redes sociais e, por outro lado, aprendemos com eles e pudemos absorver novas ideias que certamente serão úteis num futuro próximo.

Mais um passo dado na aposta na digitalização do ‘Ponto e Vírgula’.



FOTOGRAFIA DO MÊS

Ao longo desta série do ‘Ponto e Vírgula’ demos a conhecer a comunidade escolar através da lente dos nossos alunos. O desafio foi superado com muita criatividade e todos eles conseguiram captar a essência da sua escola e mostrar que há muito mais além da sala de aula e da sua mesa e cadeira.

As imagens captadas foram destacadas em pvlab.dnoticias.pt, onde ainda podem ser vistas e revistas.

Aguardamos ansiosos pela próxima série para descobrirmos mais sobre a comunidade escolar, pela perspetiva dos nossos alunos, através da sua visão.



A RESPONSABILIDADE SOCIAL AO SERVIÇO DA COMUNIDADE EDUCATIVA

Concurso



Parceiros



Secretaria Regional
de Educação, Ciência
e Tecnologia



Suplemento
escolar do
secundário

MURAL LA VIE



PV
LAB.

* Fotografia
do mês



Prémios
laVie
**PRÊMIO
MENSAL DE
20 EUROS**

UM MURAL
NOVO

VÁRIAS
MODALIDADES
A CONCURSO

- POESIA
- CONTO A TRÊS MÃOS
- REPORTAGEM
- INVESTIGAÇÃO HISTÓRICA
- FOTOGRAFIA
- ILUSTRAÇÃO
- VÍDEO
- PODCAST



“É inútil dizer *estamos a fazer o possível*. Precisamos de fazer o que é necessário.” Este pensamento faz parte da história e pertence a Winston Churchill, um Chefe de Estado que durante uma fase muito conturbada na Europa (II Grande Guerra Mundial), aumentou o orçamento dedicado por Inglaterra à cultura, era importante defender os pilares da nação. Claramente que passos de evolução são dados apenas quando é feito o que é necessário, e o 'Ponto e Vírgula' é necessário. A prosperidade desejada pelos povos só acontece através da cultura, pelas artes, associadas ao conhecimento, garantindo uma vida social saudável e é neste quadrante que se posiciona esta grande ideia.

É assim que vejo o 'Ponto e Vírgula', e melhora de ano para ano em ambição por parte da Equipa que o lidera e faz acontecer, sente-se que as escolas e os alunos vivem o 'Ponto e Vírgula', é completamente admirável. Manter a ambição de melhorar continuará com certeza a ser a pedra de toque para garantir que este projeto se manterá como um dos pilares do sistema de educação na Região Autónoma. Vamos passar a encontrar CV's que orgulhosamente apresentam o 'Ponto e Vírgula' com destaque na experiência académica, todos os participantes o devem fazer, assim como excelentes profissionais que se dedicaram ao talento descoberto nesta fantástica iniciativa.

Felicitos assim todos os participantes que intervieram durante este último ano, assim como todos os docentes e demais equipa de coordenação do 'Ponto e Virgula', mais uma vez estão todos de parabéns por continuarem a colocar a Madeira num plano diferenciado no contexto da cultura, artes e educação. Bem hajam.

Luís Loureiro

Administrador/CEO da Wider Property,
empresa gestora do Centro Comercial La Vie Funchal

**7000 EUROS
PARA ALUNOS**

**3000 EUROS
PARA ESCOLAS**

**10 000
EUROS
EM PRÊMIOS**

**ENTRADA
PELA RUA
DR. BRITO
CÂMARA**

participa !

+CRIATIVIDADE

Prêmios
laVie
FUNCHAL
SHOPPING CENTER

**PRÊMIO
MENSAL DE
20 EUROS**

participam neste concurso, todas as escolas do ensino secundário da Região Autónoma da Madeira !

Prémios

Mais uma série do 'Ponto e Vírgula' chega ao fim! No conjunto das oito edições, mostrámos um pouco do muito que se faz nas escolas da Região entre artigos de opinião, entrevistas, ilustrações, fotografias, contos e poesias. Foram seis os prémios **+Criatividade** atribuídos a alunos de seis diferentes escolas: EBS Dr. Ângelo Augusto da Silva, EBS Prof. Dr. Francisco de Freitas Branco (Porto Santo), EBS D. Lucinda Andrade (São Vicente), EBS Gonçalves Zarco (Funchal), EBS da Ponta do Sol e a última edição teve como vencedora a Bárbara Silva, aluna da EBS Bispo D. Manuel Ferreira Cabral (Santana), com o artigo 'As três idades da Mulher'.

A escolha do trabalho vencedor coube à Andreia Ruas, que integra a equipa do La Vie Funchal, como Técnica de Marketing e Comunicação, e que proporcionou à Bárbara Silva um *voucher* no valor de **20 euros**.

Prémios
la Vie
FUNCHAL
SHOPPING CENTER



Em abril, ficámos a conhecer a horta pedagógica da EBS de Machico pelo olhar do aluno Francisco Bacanhim. Esse clique valeu-lhe o prémio vencedor da **Fotografia do Mês** de abril, publicada no pvlab.dnoticias.pt.

Em representação do Francisco, o colega Leonardo Ornelas, deslocou-se ao La Vie Funchal para receber o *voucher* de **20 euros**.



TODOS OS
VENCEDORES
DA VII SÉRIE!

FOTOGRAFIA DO MÊS



Íris Dionísio
EBS Padre Manuel Álvares
(Ribeira Brava)



Joana Agrela
EBS/PE da Calheta



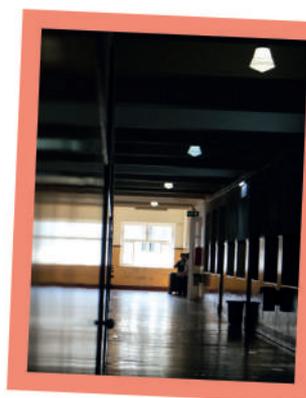
Diogo Sousa
EBS de Machico



Margarida Costa
ES de Francisco Franco
(Funchal)



José Sousa
EBS Padre Manuel Álvares
(Ribeira Brava)



Verónica Vieira
ES de Jaime Moniz
(Funchal)



Francisco Bacanhim
EBS de Machico